Libraria A Super Terra

A nave Beyond estava prestes a entrar no sistema estelar de Gliese, a desaceleração que havia começado assim que a tripulação saiu do hiper-sono já estava em reta final. O sistema estelar de Gliese era composto por seis planetas, que foram nomeados com letras por astrônomos do distante século XXI. Gliese 581E, Gliese 581B, Gliese 581C, que é o objetivo da missão, e o único com condições para vida humana, Gliese 581G, Gliese 581D e por ultimo Gliese 581F. Esses planetas giravam em orbita da anã vermelha, localizada a pouco mais de vinte anos luz do nosso sistema solar. Nesse novo sistema estelar a tripulação da Beyond iria encontrar seis planetas distintos, mas até a ultima analise somente um poderia ser explorado.

André havia reunido o time de astronautas para as ultimas cordeadas antes de entrarem em orbita da Super Terra, nome popular usado pela população sincronizada, que ficara no planeta Terra, propriamente dito, para nomear Gliese 581C. O apelido era bem justificado pois dentro do planeta gigante caberiam oito terras.

- Bem meus amigos, enfim estamos chegando ao tão esperado objetivo, estamos prestes a entrar para a historia. Seremos os primeiros seres humanos a pisar em um novo mundo, com ambiente favorável a vida humana, e o mais importante, estaremos livres da sincronização de nosso planeta natal, pelo menos até voltarmos, quem sabe um dia, para nosso lar de origem.

- Alguma duvida, apreensão ou adendo que queiram fazer? Depois que entrarmos na orbita desse novo mundo limitaremos nossa comunicação através do hiper-link com a inteligência artificial da nave, EVA que será nosso porto seguro, caso algo de errado ao fazermos as manobras de aterrizagem, para descermos ao planeta Gliese 581C.  Para a missão de decida usaremos o planador Enoque, construído pelo nosso brilhante engenheiro mecânico Richard.

Richard se adianta e explica passo a passo como será a entrada e aterrizagem na Super Terra.

- Bem galera, vocês devem estar se perguntando como eu construí essa obra prima da engenharia espacial sozinho. Então esse é o segredo, não construí sozinho. EVA nossa I.A. me ajudou na tarefa da construção do planador espacial, esse computador quântico me auxiliou em muitos projetos sabe? Demorou quase um ano terrestre para finalizar o projeto EVA, mas valeu a pena, pois depois que fiz EVA tudo ficou mais fácil e intuitivo, aqueles dez anos longe da sincronia universal do Mestre Transmigratório também me deram um pouco mais de clareza e consegui raciocinar melhor para a conclusão desse projeto. Não vou entrar em muitos detalhes sobre a parte técnica do projeto para não os cansarem.

Capítulo 2: O Céu de Dois Tons e a Grama Cor de Vinho

A viagem na velocidade da luz deixava um gosto de hortelã congelada na boca. Pelo menos era o que Richard dizia enquanto limpava o vidro da janela da cabine de observação da nave Beyond. Maya, não estava prestando atenção em doces. Seus olhos estavam fixos no holograma do painel central, que piscava em letras digitais: APROXIMAÇÃO FINAL: GLIESE 581c, disse EVA o computador central.

— Richard, pare de lamber os dentes e olhe — sussurrou Maya, a voz sumindo na garganta. — Nós chegamos.

O que viram pela janela não parecia em nada com as fotos dos livros de Geografia da Terra. Gliese 581c era gigante, uma esfera viva que parecia dividida ao meio por um artista indeciso.

De um lado, o planeta era um deserto claro e ofuscante, onde o sol nunca se punha. Do outro, uma escuridão congelante e eterna, salpicada por tempestades de neve azul. Mas bem ali no meio, na faixa estreita onde a nave começava a descer, ficava a "Zona do Crepúsculo" — o único lugar onde os humanos podiam respirar sem derreter ou virar picolé.

Diário de Bordo da Maya – Nota Mental: > Gliese 581c não gira como a Terra. Ele está travado magneticamente com a sua estrela. Isso significa que um lado é sempre dia e o outro é sempre noite. Nós vamos morar no eterno entardecer.

Quando os pés hidráulicos da Beyond tocaram o solo com um baque surdo, o visor principal se abriu. O choque foi geral.

— A grama... está estragada? — perguntou Richard, franzindo o nariz.

A vegetação que cobria o vale do desembarque não era verde. Era de um tom escuro, um vermelho profundo, quase roxo, cor de suco de uva concentrado.

— Não está estragada, Léo — explicou o Doutor, médico da expedição, o cientista-chefe da missão, ajustando os óculos enquanto passava por eles. — A estrela deles, a Gliese 581, é uma anã vermelha. Ela emite uma luz muito mais fraca que o nosso Sol. Para conseguir fazer fotossíntese e sobreviver com essa luz fraquinha, as plantas daqui precisam absorver todas as cores possíveis. Por isso elas são escuras, quase pretas.

Richard e Maya deram os primeiros passos na rampa de desembarque. O ar tinha um cheiro estranho, como terra molhada depois da chuva misturada com ferro. Mas o mais impressionante era o céu. Não havia azul. O teto do mundo era um degradê perfeito de laranja, rosa-choque e um roxo profundo. E lá no horizonte, enorme e pesada, brilhava a estrela Gliese: um sol vermelho, três vezes maior do que o Sol da Terra, que nunca, jamais saía daquela mesma posição.

De repente, Richard sentiu suas pernas ficarem pesadas, como se

estivesse usando botas de chumbo. Ele tentou dar um pulo e mal saiu do chão.
— Ih... Maya, acho que comi muito no almoço espacial.
— É a gravidade, maninho — Maya riu, embora também sentisse as panturrilhas queimarem. — Este planeta é maior que a Terra. Ele puxa a gente com mais força. Vamos ter que treinar para sermos super-heróis se quisermos correr por aqui.
Foi acordando desse feitiço de cores e pesos que Maya percebeu algo estranho. No meio daquela vegetação roxa e espessa, a poucos metros da base, as folhas de uma planta alta e em formato de espiral começaram a se mover. Não havia vento.
Algo estava vindo na direção deles. E não parecia estar usando botas de chumbo.
Que momento incrível para uma história! Planetas como Gliese 581c mexem muito com a nossa imaginação. Como ele é um planeta rochoso bem maior que a Terra (uma "Superterra"), a gravidade lá na verdade seria bem mais pesada para nós, o que torna a existência de seres que simplesmente "ignoram" o peso da gravidade um contraste fantástico!
Aqui está o terceiro capítulo para a sua história infanto-juvenil:
Capítulo 3: A Dança dos Flutuadores
O indicador de gravidade no pulso de Maya piscava em um vermelho alarmante. Segundo o computador de bordo, a pressão na superfície de Gliese 581c deveria fazer suas pernas parecerem feitas de chumbo. No entanto, o que ela via pela janela de quartzo da cápsula de pouso desafiava todas as aulas de física que já tinha tido na Terra.
Lá fora, sob o brilho avermelhado e constante do sol anão, o cenário parecia um oceano sem água. Árvores esguias, com folhas que pareciam balões translúcidos, subiam a perder de vista. E, flutuando entre elas, estavam os nativos.
— Eles parecem... águas-vivas de luz — sussurrou Maya para si mesma, ajustando o capacete do traje espacial.
Os seres não tinham pernas ou asas. Eram formas suaves, alongadas, que mudavam de cor entre o azul-turquesa e o dourado. Eles se moviam pelo ar pesado do planeta com a leveza de quem flutua em uma piscina, dando piruetas e impulsos suaves no nada, ignorando completamente a força que tentava puxar a bota de Maya para o chão.
Maya tomou coragem e abriu a escotilha. O peso do planeta a atingiu imediatamente. Cada passo exigia um esforço enorme, como se ela estivesse carregando uma mochila cheia de pedras. Ela se segurou na rampa de metal, respirando fundo o ar reciclado do traje.
Ao notar a fumaça de condensação que saía da cápsula, três dos seres flutuantes deslizaram na direção dela. Eles não caíam. Não

faziam esforço. Um deles, o maior e de um tom dourado brilhante, parou a poucos centímetros do visor do capacete de Maya.
— Olá... — gesticulou Maya, levantando a mão, que parecia pesar uma tonelada.
O ser dourado inclinou o corpo esguio. De repente, uma melodia suave, que lembrava o som de um copo de cristal sendo dedilhado, ecoou pelo rádio do capacete de Maya. As cores do alienígena piscaram no ritmo do som.
Maya percebeu que eles não usavam palavras; eles usavam luz e música. E o mais estranho: quando o ser dourado se aproximou um pouco mais e tocou a ponta enluvada do dedo de Maya, a sensação de peso sumiu instantaneamente. As pernas de Maya clarearam, e seus pés saíram do chão. Ela estava flutuando com eles, livre das correntes invisíveis da gravidade daquele planeta gigante.
Maya sorriu dentro do capacete. Ela finalmente tinha aprendido a voar.
Capítulo 4 — Os Amigos das Nuvens Luminosas
Maya observava, surpresa, enquanto seus pés permaneciam longe do chão cristalino de Gliese 581c. Os três extraterrestres flutuavam ao seu redor como se estivessem dançando em uma corrente invisível.
— Não tenha medo — disse um deles, através de um pequeno tradutor brilhante preso ao peito. — Somos os Aerins, guardiões dos ventos de luz.
Maya respirou fundo. A sensação de flutuar era estranha, mas também divertida. Ela girou lentamente no ar e soltou uma gargalhada.
— Como vocês fazem isso? — perguntou.
Os Aerins apontaram para o céu violeta. Milhares de partículas brilhantes desciam das nuvens como pequenos vaga-lumes.
— Esta energia vem das Nuvens Luminosas — explicou outro extraterrestre. — Elas mantêm nosso planeta em equilíbrio.
De repente, uma luz vermelha piscou no horizonte.
Os três Aerins ficaram preocupados.
— O que aconteceu? — perguntou Maya.
— O Coração das Nuvens está enfraquecendo! — respondeu o terceiro.
Sem perder tempo, os Aerins conduziram Maya pelos céus. Eles voaram sobre florestas de cristais gigantes e lagos que refletiam estrelas de cores impossíveis.
Após alguns minutos, chegaram a uma enorme torre transparente que se elevava até as nuvens.
No topo da torre havia uma esfera de luz azul. Porém, ela estava escurecendo.
— Se o Coração das Nuvens apagar, toda a energia de flutuação

desaparecerá — explicou um Aerin.
Maya aproximou-se da esfera. Dentro dela, percebeu algo estranho: uma pequena rachadura.
— Talvez possamos consertá-la! — disse.
Os Aerins se entreolharam. Nenhum deles tinha coragem de tocar o Coração das Nuvens.
Maya estendeu a mão.
Assim que seus dedos encostaram na esfera, uma onda de luz azul percorreu toda a torre.
A rachadura começou a fechar lentamente.
Mas então uma voz misteriosa ecoou dentro da esfera:
— Maya... precisamos da sua ajuda. O verdadeiro segredo de Gliese 581c está prestes a despertar...
A luz brilhou tão forte que todos tiveram de fechar os olhos.
E quando Maya os abriu novamente, viu algo impossível diante dela.
Continua no Capítulo 5... 🚀✨
Capítulo 5: O Despertar da Linha do Tempo
O frio do metal da torre atravessou a luva do traje de Maya. À sua volta, o ar vibrava. Os três seres extradimensionais — que pareciam fendas de luz geométrica flutuando no espaço-tempo — projetavam sombras que se moviam sozinhas pelo chão de Gliese 581c.
Maya estava encurralada. O computador de seu traje biônico apitava freneticamente: “Oxigênio em 2%. Falha crítica nos propulsores. Gravidade esmagadora detectada.” Para piorar, a tempestade de plasma magnético do sol vermelho finalmente havia chegado, bloqueando qualquer chance de sua nave mãe ouvi-la. Ela estava presa, sem ar e sem forças, em um planeta a anos-luz de casa.
— Não há como voltar... — sussurrou Maya, as lágrimas embaçando o visor do capacete. Ela fechou os olhos e pressionou a palma da mão contra os glifos brilhantes da torre.
Foi então que o universo simplesmente parou.
Não foi um estalo, mas um silêncio absoluto. O vento de plasma congelou no ar, transformando-se em faíscas estáticas vermelhas. Os três seres extradimensionais se esticaram como elásticos dourados e, em um piscar de olhos, a torre não era mais uma estrutura de pedra espacial. Ela se abriu como um gigantesco origami de luz pura.
Aviso do Sistema do Traje: Anomalia quântica detectada. Gravidade: 0%. Oxigênio: Infinito.
Sem qualquer explicação científica que os manuais da Terra pudessem explicar, a torre ativou o "Protocolo de Origem". Do topo da estrutura, um feixe de luz azul-turquesa rasgou o céu, rasgando o tecido da própria realidade.
Maya não sentiu dor. Pelo contrário, ela sentiu o cheiro de grama molhada da casa de sua avó e ouviu o som do mar. O chão sob seus

pés desapareceu, substituído por uma esteira de pura energia que a puxava para cima. Os três seres acenaram com suas formas geométricas, como se dissessem que o trabalho deles ali estava feito. Eles sabiam que a torre responderia ao toque de uma criança humana, ou seja Maya estava grávida de Richard que permanecia a bordo da Beyond. A criança desperta no ventre da mãe no exato momento em que Maya toca a torre de luz.

Antes que Maya pudesse entender como uma estrutura alienígena antiga saberia exatamente como salvar sua vida e reabastecer seu traje com oxigênio terrestre, a realidade se dobrou.

Em um piscar de olhos, a tempestade de plasma sumiu. Gliese 581c sumiu.

Maya abriu os olhos e olhou ao redor. Ela estava sentada na poltrona de comando de sua nave mãe, perfeitamente sã e salva. O painel brilhava em verde, indicando que a viagem de volta para a Terra já estava concluída. No seu painel de controle, uma única mensagem brilhava, deixada pelos seres da torre: “O universo sempre protege os curiosos.”

Ela estava em casa. O perigo havia evaporado como um sonho.

Que reviravolta no roteiro! Então aquela aparente calmaria no final do Capítulo 5 era só a calmaria antes da tempestade. Maya achou que estava segura em casa, mas a realidade é bem mais dura: a nave Beyond sofreu um desastre terrível, e agora ela e um novo tripulante, Richard, dependem da inteligência artificial EVA para sobreviver.

Capítulo 6: O Sussurro de EVA

O painel da Beyond não brilhava mais com o verde reconfortante que Maya vira ao acordar. Agora, luzes estroboscópicas vermelhas cortavam a penumbra do convés de comando, acompanhadas pelo som estridente de um alarme de descompressão.

O "retorno para casa" tinha sido uma ilusão causada pela dobra espacial da torre. A realidade era que a Beyond havia sido arremessada no meio de um cinturão de asteroides instáveis na periferia do sistema Gliese. Dos doze tripulantes originais, restavam apenas dois.

— Maya! Segure-se! — gritou Richard, com os dedos voando pelos controles manuais da subestação de engenharia. Um estilhaço de rocha espacial havia perfurado o casco inferior segundos atrás, e o rapaz tentava selar as comportas hidráulicas.

— Atenção, tripulação restante — a voz da I.A. da nave, EVA, ecoou pelos alto-falantes. Ao contrário do pânico que dominava os corredores, a voz de EVA era um sussurro calmo, quase materno, emitido por uma frequência sintética suave. — O asteroide GL-892 colidirá com o motor de bombordo em quarenta e dois segundos. Recomendo manobra evasiva angular de trinta graus à direita.

— O leme travou, EVA! — Maya exclamou, limpando o suor que escorria por dentro de seu novo visor de navegação. — A energia dos propulsores caiu para a metade depois daquele pulso magnético!
— Entendido, Maya — respondeu EVA, e uma projeção holográfica azul em formato de fios de luz surgiu no centro da cabine, mostrando a rota ideal de fuga entre as rochas gigantescas. — Estou redirecionando a energia dos sistemas de suporte de vida dos setores vazios para os propulsores manuais. Vocês sentirão uma queda imediata na temperatura interna.
O ar na cabine esfriou instantaneamente. O hálito de Richard e Maya começou a congelar na forma de pequenas nuvens de vapor. Maya segurou o manche com as duas mãos. Ela se lembrou da sensação de flutuar sem gravidade no terceiro planeta; precisava daquela mesma leveza agora, mesmo pilotando uma máquina de cinquenta toneladas destroçada pelo espaço.
— Agora, Maya! Gira! — Richard berrou quando uma rocha do tamanho de um prédio surgiu diante do vidro de quartzo.
Maya puxou o manche. A Beyond gemeu, o metal retorcido protestando contra a força da manobra. Graças ao cálculo milimétrico de EVA, a nave raspou na lateral do asteroide. Uma chuva de faíscas cobriu o para-brisa espacial quando o escudo defletor estourou de vez.
O impacto jogou Maya contra o cinto de segurança, tirando seu fôlego. Por um segundo, tudo ficou escuro.
— Status da nave: Crítico, mas estável — a voz de EVA flutuou no caos, trazendo Maya de volta à consciência. — Saímos do cinturão principal. Porém, o gerador de oxigênio principal foi permanentemente danificado. Richard, Maya... temos ar para apenas dezoito horas. Sugiro iniciarmos o protocolo de criostase imediatamente.
Maya olhou para Richard. Seus rostos estavam pálidos, iluminados apenas pelo holograma azul de EVA. A jornada de volta para a Terra não estava sendo fácil.
Depois de anos viajando pelas estrelas, a nave Beyond finalmente voltou ao Sistema Solar. Pela grande janela da cabine, Maya observava o brilho dourado do Sol, algo que ela pensou que talvez nunca mais veria.
A bordo, restavam apenas três companheiros: Maya, Richard e EVA, a inteligência artificial da nave.
— Estamos em casa — disse Richard, emocionado.
Maya sorriu. Eles haviam enfrentado tempestades cósmicas, visitado mundos distantes e feito amizade com seres extraordinários. As aventuras os haviam mudado para sempre.
A voz calma de EVA ecoou pelos alto-falantes:
— Missão Beyond está prestes a ser concluída. Foi uma honra viajar

com vocês.
Quando pousaram na Terra não havia ninguém
Naquela noite, Maya olhou para as estrelas mais uma vez.
— Você acha que existem outros planetas esperando por nós? — perguntou ela.
Richard apontou para o céu.
— As estrelas nunca acabam, Maya. E os sonhos também não.
EVA respondeu.
— Tenho registrados exatamente 12.487 possíveis destinos para uma próxima missão.
Os três riram.
A jornada da Beyond estava prestes a começar novamente... ✧🌎
E a nave em fim pousou no planeta Terra em fim os seres humanos chegaram no seu habitat natural. 10.000 anos atrás eles encontraram os extraterrestres , que aparentemente possuíam um poder sobrenatural. Os extraterrestres tinham ficado em Libraria, onde os seres humanos haviam feito o primeiro contato com um civilização. Os seres humanos evoluídos de trezentos anos de idade finalmente encontraram repouso, não em casa mas entre as estrelas. O homem e a mulher deixaram uma mensagem sobre medicina para os seres de Gliese, sendo assim, eles também se desenvolveram mais rápido. Chegando no planeta Terra 🌎 novamente, encontraram uma surpresa. Quando aterrissaram por causa da dilatação temporal da viagem espacial tinham se passado 100.000 anos no planeta Terra e uma quarta guerra mundial tinham exterminado toda a raça humana e eles continuaram a viver no espaço se multiplicaram e encontraram outro planeta pra habitar, fim.